

Revista EPARREI: Mulheres Negras Educadoras

EPARREI Magazine: Black Women Educators

 <https://doi.org/10.67204/riel.v4i10.2942>

Recebido em 15/01/2026 • Aceito em 22/08/2026 • Publicado em 13/10/2026

Laila da Silva, Lic.¹, Cristiane Freire de Sá, Ph.D.²

Resumo: Considerando a persistência do epistemicídio racial (Carneiro, 2005) e a carência de narrativas plurais nos materiais didáticos, este artigo tem como objetivo analisar a revista EPARREI, uma publicação independente editada por mulheres negras em Santos (SP), como um instrumento paradigmático de educação antirracista e decolonial (Rufino, 2021). Por meio de uma análise bibliográfica exploratória de exemplares físicos da revista, argumenta-se que sua produção e circulação no espaço da Casa de Cultura da Mulher Negra constituem uma prática de tensão pedagógica (Gomes, 2017) contra o discurso histórico hegemônico. O periódico opera como um material paradigmático essencial, que promove o fortalecimento e reconhecimento da identidade negra ao resgatar e valorizar a história, a cultura e as lideranças negras, preenchendo as lacunas deixadas pelo silenciamento curricular. Conclui-se que iniciativas editoriais como a EPARREI, ao dar voz e visibilidade às produções intelectuais e artísticas da população marginalizada, são ferramentas cruciais para um projeto educativo que visa a descolonização dos saberes e a promoção da equidade racial reafirmando a potência da escrita independente como ato de resistência e reexistência.

Palavras-chave: Revista EPARREI, Alzira Rufino, Educação Antirracista, Imprensa Negra.

Abstract: Considering the persistence of racial epistemicide (Carneiro, 2005) and the lack of plural narratives in educational materials, this article aims to analyse EPARREI magazine, an independent publication produced by Black women in Santos (SP), as a supplementary educational resource for antiracist and decolonial education. Through an exploratory bibliographic analysis of physical copies of the magazine, it is argued that its production and circulation within the Casa de Cultura da Mulher Negra constitute a pedagogical practice of tension (Gomes, 2017) against hegemonic historical discourse. The periodical functions as an essential supplementary material by promoting the strengthening and recognition of Black identity, as it rescues and values Black history, culture, and leadership, thereby filling the gaps produced by curricular silencing. It is concluded that editorial initiatives such as EPARREI are crucial tools for educational projects committed to the decolonisation of knowledge and the promotion of racial equity, as they give voice and visibility to the intellectual and artistic productions of marginalised populations, reaffirming the power of independent writing as an act of resistance and re-existence.

Keywords: EPARREI Magazine, Alzira Rufino, Anti-racist Education, Black Press.

¹ Bolsista, Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, Brasil
Graduação em Letras, Instituto Federal de São Paulo

 laila.silvappb@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-2788-9703>

² Docente, Centro Universitário Senac, São Paulo, SP, Brasil
Doutorado em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

 crisfsah@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-6176-7860>

Pra entrar no contexto:

“Escritores são cirurgiões do coração e da alma das comunidades”

*Ngugi Wa Thiong’o*³

No âmbito de uma educação antirracista, a produção literária de autores e autoras provenientes de grupos historicamente marginalizados constitui um imperativo ético e pedagógico. Esta produção robustece o arcabouço historiográfico ao confrontar discursos hegemônicos e promover a pluralidade linguística, oferecendo novas hermenêuticas sobre as trajetórias de populações negras, indígenas e LGBTQIAPN+. Ao registrar e legitimar o pensamento de sujeitos situados à margem da esfera social, tais obras não apenas inauguram novas escritas, mas resgatam memórias, dores e resistências historicamente silenciadas.

Esse artigo nasce do interesse de contribuir com a visibilidade da produção editorial singular negra produzida em Santos, a partir de um estudo exploratório da revista EPARREI Litoral Sul do estado de São Paulo. Escrita e organizada por mulheres negras da região, a revista EPARREI é uma mídia atuante da corporalidade negra em suas edições e seu propósito é dar visibilidade para pautas raciais, de classe e gênero. Num formato impresso, empreendimento desafiador à época dos anos 2000, as informações contidas nas páginas da revista variam de receitas africanas à entrevista com artistas e lideranças locais.

Para alcançar o propósito de contribuir com a visibilidade da EPARREI, o presente trabalho se desenha a partir de uma investigação bibliográfica exploratória, realizada a partir do estudo de exemplares impressos das edições do 1º semestre de 2007 – ANO VI e duas edições do ano de 2008, procurando identificar e interpretar os elementos discursivos mais pertinentes que a colocam como uma das produções de escrita independentes que circulam em espaços de *confluências*⁴ como ferramentas de aprendizagem no território de Santos.

³ Thiong’o, N. (2025) Descolonizando a mente, (H. Lima, Trad.]. Editora Dublinense.

⁴ Termo usado por Nego Bispo em seu livro “A terra dá, a terra quer” de 2023, confluência na visão de Bispo é a forma de manifestar o conhecimento numa circularidade do saber.

Revista EPARREI! Saberes e Cultura da Mulher Negra

A primeira edição da revista EPARREI e sua distribuição aconteceu na sede da Casa de Cultura da Mulher Negra durante o período de vigência da casa, local em que era frequentado por mulheres negras em diferentes situações de vulnerabilidade, além da população branca da região, já que a casa além de ser um ponto cultural muito forte era localizada num lugar de prestígio entre os moradores da cidade.

A narrativa encontrada nos materiais didáticos sobre as literaturas ou histórias do povo negro e indígenas no âmbito escolar exibem uma característica limitada sobre suas raízes. A escassa informação sobre a influência, a cultura, a identidade e suas contribuições para o crescimento social e econômico do Brasil caracteriza um descrédito dos méritos históricos desses grupos. Essa carência que perpetua de forma silenciosa dentro das referências bibliográficas escolares evoca a continuidade do epistemicídio racial⁵ (Carneiro, 2005) que a população negra e indígena sofre ao não se reconhecer num espaço de memória nas conquistas grandiosas das histórias na construção do Brasil.

A valorização da história eurocêntrica é fundamentada desde a invasão dos portugueses neste território indígena, hoje chamado Brasil, e continuou sendo o discurso disciplinador no período dos jesuítas até os dias atuais. Entretanto, hoje podemos considerar novos horizontes interpelados por leis que submetem o reconhecimento da sabedoria e da presença do povo preto e indígena na construção da cultura e social do país.

A revista leva em seu nome a saudação do orixá africano YANSÃ, a deusa da guerra. EPARREI significa um grito de calma assim nos conta Alzira: “senhora, venha cuidar de nós”. Quando ela vai para a guerra, ela vai guerreando. E a gente sempre pede para ela para ter calma. É, portanto, uma oração que pede calma (Woitowicz, 2008).

Inicialmente as organizadoras da Casa de Cultura da Mulher Negra distribuía folhetins ou panfletos com informações com temas que atendiam as informações sobre a Casa, ações afirmativas, arte, cultura etc. Percebendo a conquista que tiveram com os panfletos, o Núcleo de Educação e Informação da Casa de Cultura da Mulher Negra decidiu expandir o nível de informação e transformaram o folheto em revista.

⁵ Sueli aborda o conceito de epistemicídio cunhado por Boa Ventura Sousa Santos (1995) como uma parte de processo racial, ao passo que esse escalona as produções de conhecimento, considerando algumas superiores e outras inferiores, descartando-as em último efeito.

Em 2001, a revista foi criada e teve sua distribuição semestralmente para assinantes e possíveis compradores visitantes da Casa de Cultura da Mulher Negra, a revista era um dos modos de arrecadação para a manutenção da casa. Sua tiragem chegou á cerca de 6.000 exemplares, que enaltece a cultura do povo negro com a beleza das capas, a qualidade das páginas, e a características do projeto gráfico.

Os exemplares tinham uma média de 60 páginas cada e contavam de forma a considerar o povo negro, e particularmente da mulher negra, como centralidade nos espaços da arte, da história, da literatura, da culinária e da linguagem. Caracterizando o modo de uso como instrumento de veiculação da cultura negra desmistificando e rompendo com discursos distorcidos sobre a população negra e valorizando a beleza da mulher negra.

No presente artigo considera-se analisar três exemplares da revista a fim de compreender o uso como material educacional, assim como supracitado nos termos da pesquisadora Nilma, instrumento de tensão. O conteúdo distribuído da revista é uma ferramenta de ação direta para politização da população como um todo, mas também é um toque de esperança que a população negra se torne cidadãos críticos e unam-se para pleitear seu espaço socialmente dominados por pessoas brancas.

A preocupação de Alzira também foi de denunciar a forma que a imagem da mulher negra estava sendo veiculada nas mídias de acesso da população. A identidade da mulher negra foi construída no imaginário social em duas formas elementares, o primeiro foi num lugar de inferioridade e pobreza e o outro em um lugar de objeto sexual (Gonzalez, 2020).

Por tanto, a revista buscou consolidar a construção de uma identidade racial elegante que rompe com o discurso de pequenez atribuído à população negra pelos colonizadores branco-europeus. Essa ruptura acontece por meio do envolvendo da mulher negra como protagonista principal da revista; trazendo histórias de lideranças heroicas da população negra; dando espaço para compreensão das religiões de matriz-africana, assuntos que não são comuns ver em referências historiográficas.

A editora-chefe traz na edição Nº 14, do ano de 2008 o objetivo da edição:

Continuamos com o compromisso de resgatar parte da história das mulheres negras brasileiras com mais uma edição da Revista EPARREI. Nas páginas trazemos a luta, a vontade, a dignidade e saberes de mulheres negras. São exemplos de sonhos e lutas para o reescrever uma outra história. Comunicação é, e continua sendo prioridade. Nosso ponto de partida tem sido o reescrever a nossa verdadeira história (Rufino, p.3, 2008).

O compromisso que Rufino descreve na primeira página da revista é um espelho das páginas que seguem com um sumário cheio de cultura, história e arte preta. O objetivo que a editora-chefe reforça no início da revista é alcançado ao longo do periódico que é rico de entrevistas e matérias com pessoas negras famosas e autônomas contando suas conquistas com um belo sorriso no rosto.

Numa das sessões das revistas, a chamada “Cartas à EPARREI”, compõe duas páginas de cartas escritas pelos consumidores da revista, nos relatos fica evidente o quanto os leitores se sentem valorizados, pertencentes e representados em cada edição. Nesse trecho, retirado da mesma edição nº14, é nítida a compreensão de acolhida e valorização intelectual:

Caríssima Alzira e equipe,

É sempre um momento motivador, conscientizador e inspirador quando leio um novo exemplar da Revista EPARREI. Quero reinterar-lhes meu agradecimento pelo trabalho sério e competente que vocês nos apresenta. Parabéns! Inaicyr Falcão dos Santos (EPARREI, 2008, p. 5).

Em outras sessões das edições os assuntos variam entre poemas, contos, culinária, entrevistas e jogos pedagógicos para educadores desenvolverem as capacidades dos educandos estimulando sempre a troca de saberes da cultura africana ou indígena. E uma sessão para apresentar lançamento de livros de escritores negros com temática poética, romances e infantojuvenil.

Toda produção do periódico é realizada por mulheres negras que fazem parte do departamento da comunicação da Casa de Cultura da Mulher Negra, e os recursos para a impressão são mantidos por órgãos que apoiam a instituição e ações de eventos que a casa propõe ao longo do ano, além dos assinantes que ajudam a manter a revista no formato de impressão.

A forma que a mulher negra é protagonizada nas revistas faz delas um artefato inédito. A editora-chefe Alzira Rufino está à frente do seu tempo quando prioriza fazer um recorte pontual de raça e gênero dedicando-se quase que exclusivamente a dar voz às mulheres e negras. Na revista EPARREI é evidente que o espaço é de todas, desde mulheres relevantes como atrizes, apresentadoras ou líderes políticas até as mulheres autônomas que seguem fazendo a diferença em espaço menos populares.

Numa entrevista com a então Vereadora de São Paulo Claudete Alves, ela é fala um pouco sobre como é ser uma mulher negra vereadora dentro da câmara de São Paulo:

O poder é branco e masculino. Na pirâmide social e econômica, a mulher negra é a mais massacrada. As elites governam para elas mesmas, e querem que esse sistema perpetue. A ascensão de setores que historicamente foram excluídos, aos espaços de poder de decisão, não agrada quem sempre mandou nesse país. Nesse sentido, muita gente não engole uma mulher negra ser vereadora na maior câmara legislativa da América latina (Eparrei, 2008, p. 27).

Fica evidente que dentro do sistema capitalista mulheres negras em espaços de tomada de decisão ainda são lidas numa visão depreciativa. É assim que a revista se torna uma ferramenta de transformação educativa, nesse discurso a mulher negra apresenta sua força e sua competência contra o sistema que a oprime e fortalece uma imagem positiva da mulher negra nos espaços dominados pelo poderio branco e masculino.

A ressignificação da imagem das mulheres negras constitui uma quebra de discurso estereotipados e discriminatórios antigos na contemporaneidade, desse modo Sebastião (2007) acrescenta:

As organizações de mulheres negras estão ocupando uma nova função: a de novas guardiãs da produção discursiva da memória sobre o grupo na medida em que produzem, registram, difundem, arquivam e lutam pela ressignificação da história da mulher negra e da sua respectiva representação (p. 22).

Assim sendo, a revista EPARREI é um arquivo de memória, já que sua produção se encerra em 2013. Em função de prestigiar e valorizar a beleza, a arte, a história, a culinária e principalmente as virtudes da população negra, em especial da mulher negra, o periódico foi um elemento crucial na imprensa negra para a continuidade das histórias de luta, resistência e vitórias.

Texto, Imagem e Significações

A linguagem é o sistema de comunicação que não é limitante em si, mas pode condicionar discursos, já que tem na ação a elaboração de conceitos e valores sobre pessoas

e sobre coisas, enrijece concepções de mundo e o material didático pode se tornar um instrumento que opera com o silenciamento, como Castanheira (2024) explana:

Os negros e índios aparecem apenas como grupos que deram algumas contribuições para a formação cultural do Brasil, e nunca estão presentes como heróis ou como agentes históricos importantes. Este silenciamento da cultura indígena e africana promove, como efeito, a construção de sentidos que significam o grupo de negros e índios como inferiores aos demais grupos, fortalecendo uma situação de preconceito e exclusão social ainda no século XXI (p. 25).

Por esse motivo e outros, a utilização de materiais de mídia independentes como forma de instrumento paradidático⁶ se torna essencial e ferramentas como a revista EPARREI têm em seu âmago, fortalecimento, autoestima, resistência e competência do povo negro brasileiro que valoriza o discurso daqueles que lutaram pela libertação das minorias, enchendo-os de pertencimento.

Figura 1

Revista Eparrei



Fonte: Acervo autora

As produções construídas a partir das mãos de pessoas subjugadas e jogadas à própria sorte são carregadas de cultura própria, identidade e força que promovem o reconhecimento das lutas e pautas da contemporaneidade sendo importante ferramenta de continuidade.

⁶ Há controvérsias no uso do termo “paradidáticos” verificou-se que o termo é usado, mas a imprecisão persiste, havendo discordâncias marcantes entre autores. Não há consenso entre estudiosos se o livro paradidático constitui um gênero discursivo (Campello e Silva, 2018, p. 76).

Diante do avanço significativo das ideias do neoliberalismo na educação, do qual entende que o protagonismo individual e a competição fazem parte da trajetória do indivíduo e que sua ascensão social depende exclusivamente dele mesmo, faz-se necessário munir de historicidade a população que sofre diretamente o impacto desse discurso distorcido dominante.

Apesar do acesso à internet ser hoje um instrumento muito utilizado também por pessoas de baixa renda, o foco determinante à introdução de fortalecimento de pautas que constroem a identidade dos indivíduos à margem ainda carece de atenção. O processo constitutivo das ideias hegemônicas ainda consiste em materiais didáticos e outros canais informativos midiáticos, como WhatsApp, que veiculam desinformação em forma de notícia, mantendo uma autenticidade nesses discursos. Assim,

Orlandi nos faz compreender que um discurso feito por uma autoridade dificulta a polissemia, dando margem para que pensemos este discurso como performativo. Dessa maneira é possível entender a força dos discursos fundadores, positivistas, mobilizando os sentidos que mobilizam nos livros didáticos (Castanheira, 2024, p. 30).

Tal como Castanheira (2024) parafraseia Orlandi, os debates que constroem um pensamento crítico e mobilizam um sujeito a construir sua concepção de mundo para entender-se socialmente é esvaziado dentro das principais instituições que aquele acessa. Seja por motivos de equipamentos com discursos mal elaborados ou pela falta daqueles, traçar articulações que ampliam o conhecimento da cultura, os anseios, as contribuições e as discussões da comunidade marginalizada pela ideologia dominante é assumir a posição de resistência.

Diante disso, a revista EPARREI é um material que contribui de forma pertinente para divulgar, valorizar e rico em reafirmar a luta, dos movimentos negro e feminista negro, de denúncia ao genocídio causado pelo movimento eurocêntrico aos povos explorados, pois, em suas edições a tratativa era de informar a população sobre as produções científicas, culturais e poéticas das mulheres negras e homens negros além de resgatar a história dessa população que os livros didáticos não dão conta de contar . O formato revista impressa também amplia o acesso da comunidade e a aproxima da elaboração do sujeito cidadão e leitor, aquele que compreende a construção sociológica da

sua existência e pensa suas posturas a partir dela. Além disso é proposto como arquivo material imutável, fonte primaria para a comunidade.

Desaprender Para Entender

Ao buscar reflexões sobre o debate teórico-prático da relação entre educação e currículo, podemos compreender que no território da vulnerabilidade da raça, gênero e classe, a educação ainda se manifesta pelo viés tecnicista, ainda que o currículo nacional (BNCC) disponha de uma pauta baseada em habilidades e competências e menos conteudistas, quando observamos o ambiente escolar, nos deparamos com aulas elaboradas de forma que busca uma eficiência com o objetivo de uma aprendizagem engessada, regulada por avaliações de conhecimentos genéricos que visa a memorização de fatos. O currículo é sempre parte de uma seleção de ideias, se o livro didático traduz a linha cronológica da escola literária será evidente que terá mais de dois capítulos falando de feitos de europeus na literatura ocidental, entretanto quantos capítulos serão destinados à literatura latino-americana ou literatura indígena?

As teorias do currículo são boas perspectivas para compreendermos os efeitos que a escola tem produzido nos jovens e os rumos que devemos tomar para construir uma boa base de vivências. As teorias tradicionais podem não atender mais as demandas de aprendizagem e formação cidadã das escolas públicas brasileiras, ver-se no dia a dia do educador a falta de pertencimento e identidade estudantil que os educandos não aderem e não conseguem construir uma base de aprendizado que o faça crescer e ser produtivo intelectual e socialmente. Nego Bispo, filósofo quilombista, explica o processo do apagamento de pertencimento e dá luz ao debate educacional limitado quando fala:

De modo análogo, temos pessoas atrofiadas, pessoas que não foram adestradas para servir ao trabalho, mas também não conseguem ser malandras. Pessoas adestradas para que não tenham imaginário, para que não consigam fazer sua autogestão. Pessoas que não aprenderam a fazer nada nem aprenderam a extrair do que está feito. Pessoas atrofiadas que perambulam sem saber aonde ir (Bispo, 2023, p. 12).

De modo a compreender as falas de Nego Bispo, as técnicas de adestramento são praticadas de forma naturalizada dentro da escola, esse adestramento ao que ele trata é o jeito de transmissão do saber que podemos atribuir às instituições de ensino hoje. Quando,

por exemplo, vemos a maneira ocidental de canonizar o escritor racista Monteiro Lobato argumentando que,

O escritor brasileiro não pode sofrer "cancelamento". O autor do Sítio do Picapau Amarelo era racista, sim, e cultor da superioridade dos eurodescendentes, mas sua obra clássica deve ser preservada com notas explicativas e adaptações literárias, à semelhança do que ocorre com clássicos universais como Shakespeare (Bandeira, 2019, s.p.).

Esse esforço em manter discursos distorcidos sobre a população negra entre outros estereótipos produzidos pela literatura cânone, dentro das unidades escolares, é o suplemento necessário para corroborar apagamento da singularidade da população periférica e enrijecimento de cosmologias produzidas por pessoas não-brancas e reduz as pessoas à atrofiamento no pensar, tira a oportunidade de criar outras percepções de conceitos sociais que vivem.

Os problemas estruturais do modo de ensinar um educando coexiste com causas e efeitos de uma educação que principia de múltiplas violências estatais e insiste na abordagem filosófica eurocentrada, uma filosofia baseada em esmagar a diversidade de uma natureza vívida. Não é ensinado a ouvir os pássaros anunciando a primavera ou uma tempestade, mas é ensinado a normalidade de não ouvir com frequência pássaros cantar.

O processo que se deu a colonização foi de extermínio de povos inteiros e com eles seus conhecimentos de mundo, suas cosmovisões. Um processo de apagamentos, assassinatos e esquecimentos, contrariamente às glórias e conquistas como contado em muitos materiais didáticos. Aqueles que são contra colonização⁷ seguem obstinados em romper um discurso de destruição e desvalorização das influências da negritude em terra nacional.

É nesse espaço que atuam produtoras como a revista Eparrei, com um pensamento decolonial elas produzem conteúdos que valorizam e desmistificam a cultura da negritude no Brasil. As revistas eram disponibilizadas às pessoas que frequentavam espaços educacionais do movimento negro em Santos, litoral Sul de São Paulo, todavia pode e deve ser utilizada por educadores dentro das instituições educacionais homologadas também, visto que transcende o ensino básico das redes educacionais.

⁷ Termo utilizado por Nego Bispo em seu livro "A Terra dá, a Terra quer" de 2023.

Cabe aos profissionais de educação contestar o sistema educacional que segue com materiais didáticos desatualizados e precisam ser questionados, pois não podem seguir monopolizando discursos excludentes e omissos, posto que é ela que funciona como espinha dorsal que permite a ocupação de espaços no processo de descolonização. Como assevera Alzira Rufino: “A educação não é conformadora, ela é uma força errante, que negaceia, instaura dúvida, avança nas perguntas e persegue o seu fazer como prática de liberdade” (2021, p. 11).

Já a colonização é aquela que desapropria, mói existências e corpos, silencia, banaliza, desestrutura e impõe um modelo de pensamento mono político e doentio que visa a ambição e o acúmulo de bens materiais afastando o povo da beleza e da poesia. O modo de educar daqueles que têm experiência em aniquilação de viver, fobia do diverso, ânsia de vitória, jamais terá essência agregadora ou compartilhante.

O movimento de educar constitui-se de dimensão crítica e ética sustentado por práticas envoltas de saberes diversificados que vem de existências múltiplas assim como o Brasil foi construído, pelas mãos de indígenas e pretos. A base estruturante do Brasil vem de uma cultura politeísta, vinda dos indígenas e do povo negro, os colonizadores a manipulavam, usando a violência contra a população escravizada com o intuito de injetar a cultura monoteísta através do catequismo.

Dessa maneira, o modo educacional formativo, que vigora atualmente, é alimentado por pensamentos fixados no discurso patriarcal, colonizador, branco, cis e heteronormativo, sancionado pela igreja cristã romana e sendo reduzida à uma única forma de transmissão de conhecimento em que ainda opera a hierarquia de saberes.

Pensemos a educação como ela se dá, a partir da magia do fazer e do desfazer, aquela que cria e recria. Ela nasce sempre de processos de coletivos, com afetos, com conflitos, assim como um castelo feito de cartas que, sendo frágil, se ergue e se desmorona para se reconstruir novamente a contar da base, um todo cultivado pela linguagem da multiplicidade do pensar.

Desaprendendo, o educando volta a aprender porque o conhecimento não ocupa espaço no cérebro, este é um fato que segue uma linha anticolonialista do pensar, visto que, indica uma lógica processual de educação contrária ao sentido acumulativo de um monopólio discursivo colonialista. Esse modo de educar viabiliza enfraquecer aquele que silenciou durante tantos séculos os sujeitos que foram condicionados a suportar a postura

colonialista de educar, que tem como princípio condensar todas as formas de experiência produzindo o esquecimento do plural e das raízes ancestrais dos povos indígenas e da negritude.

De certo, a maneira de transcrição da história, seja nos livros ou em outros pontos de pesquisa, faz total diferença na percepção dos polos de ideologia que sugere um conquistador e um conquistado. Um enredo muito comum usado para contar a história das Américas, por exemplo, é aquele em que o espanhol ou qualquer outro europeu “descobre” a terra das Américas e “conquista” essa terra para si. Ao analisar um material didático oferecido para as turmas do 7º ano dos anos finais do Ensino Fundamental com seu componente curricular em história, pode-se encontrar diversos discursos que corroboram o silenciamento, a suavização do massacre e do extermínio como forma natural de conquista e vitória sobre aqueles que estavam ali para serem eliminados.

Desde cedo, os *poderosos* enviaram expedições contra o grande quilombo. Várias delas foram derrotadas pelos quilombolas. Durante a guerra, *um jovem guerreiro* nascido em Palmares começou a se destacar por sua firmeza. Seu nome Zumbi (Boulos Junior, 2022, p. 236, grifos nossos).

O elemento de texto acima retirado de uma página do livro didático constata o uso de um discurso que pretende firmar o compromisso de apagamento de memórias das mulheres negras que guerreavam pela libertação do seu povo, Dandara, por exemplo, nem mesmo foi mencionada no enredo da invasão que aconteceu em Palmares. A ideia de poder é apresentada num contexto de interpretação associada aos brancos, desapropriando a história do Quilombo dos Palmares do triunfo e dentre a população inteira do quilombo quem tem destaque é somente o jovem guerreiro Zumbi, essa estratégia de individualização silencia a coletividade que fazia o quilombo se manter bem estruturado e significativo para a liberdade do povo que morava ali. O apagamento da história da guerreira Dandara também não é neutro, ao longo desse texto percebe-se que esse silenciamento é constantemente naturalizado dentro do ambiente escolar.

Relembrando Lélia Gonzalez (2021), a educação afro-brasileira teve como principal professora a mulher negra, aquela que buscou, dentro da sua comunidade, compartilhar o conhecimento ancestral de povo e coletividade. E esse protagonismo do saber não tem espaço na pasta educacional das escolas brasileiras, obviamente o contexto de que este

trabalho é pensado não é reflexo de um Brasil homogêneo, mas existe uma falha sistêmica que bloqueia as narrativas vindas das margens sociais.

A pensadora Sueli Carneiro (2005) destrincha em sua vasta linha de publicações, o conceito de epistemicídio racial praticado e naturalizado pelo estado. A conduta de rebaixar a cultural negra, indígena, quilombola ou da comunidade LGBTQIAPN+ para mero objeto ao invés de sujeitos dos processos de construção de pensamentos recai sob a população de forma a reforçar o estereótipo de destituído de cultura própria.

A revista EPARREI é colocada aqui, neste trabalho, como uma das formas paradidáticas de adesão dos educadores para a ampliação do modo de contar a história daqueles que tem suas narrativas impedidas de circular de forma plena dentro do ambiente escolar. No próximo tópico é possível compreender a construção das narrativas e da produção cultural que a revista aborda em suas diversas edições.

Nego Bispo (2023), mestre quilombola, evoca a diferença de educação e cultura entre os colonizadores e os colonizados para reafirmar que nossa ancestralidade e nosso modo de viver tem diferentes perspectivas de sobrevivência. Em seu livro, a forma de existir que é vivenciada nos grupos de comunidades quilombolas ou da favela retrata a verdadeira forma de viver culturalmente brasileira.

Às vezes, quando chegamos em alguns apartamentos do povo eurocristão monoteísta, percebemos que a comida é tratada como uma coisa proibida. Chegam até a esconder a comida das visitas!” Eles vêm só pra comer, parece que vive morto de fome, que não come em casa ou que não sabe o custo de vida alto!” Já para nós, é justamente o contrário: “Ele veio e nem comeu? Eu fiz uma galinha e ele não aceitou?” É uma desfeita se a pessoa vem á nossa casa e não aceita a nossa comida (Bispo, 2023, p. 64).

É interessante entender o que Bispo quis dizer com esse trecho, ele mostra que o sistema cultural da negritude é de acolhimento, de comunidade e de confluência (Bispo, 2023). A individualização nunca foi uma cultura dos ancestrais que habitaram o Brasil, foram sim, introduzidos de maneira violenta comportamentos individualizados e egoístas.

De forma a entender um pouco melhor sobre um material pertinente que dialogue com vivências escravocratas no Brasil e sua contribuição na construção da identidade brasileira, o uso de materiais que mencionem lideranças negras, indígenas e de outros povos oriundos da margem pode agregar no processo de formação étnico- racial dos

próprios educandos negros e não- negros tornando-os mais críticos com relação aos acessos à educação, moradia, alimentação saudável dentre outros direitos que são negados àqueles.

Começo, Meio e Começo

A concretude da abolição de 1888 não isentou a população negra da marginalidade, do abandono e do desamparo. Mesmo que o pronunciamento oficial fosse de liberdade, o cenário social era quase que intocado, dominado pelo racismo e pela discriminação que impedia a negritude a se tornar cidadãos ativos na esfera política.

A partir desse período, deu-se início a alguns grêmios e associações para a manifestação de cultura e lazer para a população negra (Santos, 2012), a escrita sempre foi um modo de denunciar o que estava acontecendo entre aqueles que tinham a falsa liberdade, expondo a realidade daqueles que foram deixados para morrer. Assim nasce as primeiras publicações com interesse focado nos problemas das pessoas negras.

A imprensa negra surgiu dos grupos de associações e grêmios que publicavam para denunciar a precariedade da vida da população negra, os periódicos *A Pátria* (1899), *O Combate* (1912), *A Voz da Raça* (1933) são alguns dos lançamentos das respectivas épocas e cumpriam a função social de reivindicar as condições de moradia, educação entre outras questões sociais dos negros e negras.

Com a ascensão da ditadura na década de 40 a 60, a imprensa negra se viu pressionada pelo movimento de silenciamento produzido pela governança e diminuiu sua produção. Ou seja, aquilo que já não tinha apoio governamental para uma produção considerável de exemplares, reduziu ainda mais a sua produtividade por pressão de um governo que coage e silencia a população negra brasileira, alguns jornais ainda tiveram bravura dando continuidade nas produções apesar da precariedade como o jornal *Voz da Negritude* (1952).

Nesses episódios históricos de repressão política fica mais claro o comprometimento do Estado de silenciar, apagar, exterminar a população de minoria. É nesses momentos que acontece a perseguição exacerbada, o rompimento da população aos acessos a políticas públicas e o silenciamento das produções daqueles que são contra as medidas da política de extermínio.

Após a fase obscura de opressão política, na segunda metade da década de 70 a redemocratização era notória e o Movimento Negro retorna as atividades dando início também às produções dos jornais. Foram criadas as revistas *Ébano* (1980), *Classe & Raça* e o *Jornal do MNU*¹², ambos editados pelo jornalista Edson Cardoso. Além do *Pixaim* (1979), *Nego* (1981) e *Áfricusem* 1982. (Santos,2012).

As revistas tinham o propósito de reunir os grupos de pessoas negras, de criminalizar os atos de perversidade praticadas pelo Estado e dar prestígio à cultura negra. O propósito de escrever as angústias sofridas acabou se tornando um guia educativo que transcende a escola que tenta silenciar, a população negra da época conseguiu compreender esse caráter educativo da leitura e passou à querer mais escritos sobre o povo negro. Foi assim que em 1996 a revista *Raça Brasil* é lançada e seus exemplares se esgotam rapidamente.

Compreender um pouco sobre o começo das publicações da população negra no país reflete na relevância que existe entre história, cidadania e reivindicação seu lugar na história. Por esse motivo, a cronologia da produção de periódicos feita por mãos que sofreram as perversidades da dominação branca é um lembrete para que não acabe, de modo algum, as produções que os filhos, netos, bisnetos venham a fazer para recontar, comparar e pensar criticamente os próximos passos.

Falar da Revista EPARREI como um instrumento de apoio pedagógico não pode ser desassociada de sua fundante Alzira Rufino. Alzira foi Ialorixá, enfermeira, poeta e militante do movimento negro unificado e movimento das mulheres negras da baixada santista em meados de 1980. Fez publicações próprias de diversos livros com temática de vida das mulheres negras como *Eu, Mulher Negra, Resisto!* de 1989, *Bolsa poética* em 2010, *Alzira Rufino uma ativista feminegra* de 2008 e ensaios *O poder muda de mãos, não de cor* de 1996, *O Livro da Saúde das Mulheres Negras* de 2000, também deu contribuições de suas poesias em algumas edições do *Cadernos Negros*.

A escritora foi muito ativa e comprometida no processo de escrita, buscou, através dela, tornar público as condições de vida e saúde da mulher negra. Em uma entrevista de 2008, a escritora busco salientar a importância que a revista para a comunidade negra e como se deu o processo de reconhecer a lacuna nas publicações da época.

Eu sou uma mulher religiosa, da religião afro-brasileira, sou uma sacerdotisa, filha de Oiyà/Yansan, na língua yorubá. Nós ficamos realmente preocupadas porque existem muitas revistas, mas não tem nenhuma específica sobre a mulher negra e sobre a cultura

negra. Existem algumas publicações voltadas ao público negro, mas são projetos bem comerciais, e nós precisaríamos mostrar para a sociedade outras questões que envolvem os negros. Daí surgiu a revista Eparrei. É importante esta proposta de trabalhar uma outra forma de comunicação, que mostra a mulher negra diferente do que mostram as outras revistas. Existe, portanto, uma preocupação em desmistificar a fórmula que a mídia trata as mulheres, especialmente negras. Estamos buscando um espaço próprio através da revista, do boletim, de programas de rádio e outras iniciativas. A proposta é ampliar este trabalho de divulgação, em uma outra perspectiva (Woitowicz, 2008).

Sua atuação no Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista, formado em 1985, foi crucial para a abertura da Casa de Cultura Mulher Negra em 1990, localizada em Santos/ SP. A partir da abertura da casa, Alzira conseguiu articular atividades que teriam a mulher negra sempre como destaque. O espaço ofertava programas com orientação jurídica de combate à violência doméstica, racial e sexual; cursos de culinária, artesanato, entre outros; bolsas para mulheres negras acessarem a universidade entre muitos outros serviços.

Destaca-se neste trabalho um dos serviços disponibilizados pela Casa de Cultura Mulher Negra, a revista EPARREI. Numa forma de explicitar como o Movimento das Mulheres Negras e o Movimento Negro educa com seus escritos independentes que se tornam materiais paradidáticos para a população.

A Dra. Nilma Lino Gomes em seu livro “*O Movimento Negro Educador*” de 2017 diz que é também comum ouvirmos que tais movimentos [sociais] constroem uma pedagogia própria que tensiona a pedagogia escolar (2017, p. 52). O tensionamento de que a escritora dispõe é identificado neste trabalho como a produção da revista de modo que a veja sendo um elemento paradidático.

Considerações Finais

Em suma, o presente trabalho, em forma de apresentação e contextualização, pretendeu trazer a revista EPARREI como um material paradidático que pode contribuir para acrescentar aos educadores, no ambiente escolar, um novo diálogo com as histórias da população negra escrita e (re) elaborada por esta. A revista cumpriu o papel social de semear palavras (Bispo, 2023) e promover um comprometimento civil na formação de cidadãos conscientes e politizados indo de encontro à uma sociedade mais justa. O alcance das histórias lançadas nas páginas da EPARREI é inimaginável, quando ultrapassa os muros

da escola pode se tornar ainda mais valiosa pelo seu caráter motivador já que a escola deprecia a negritude:

Em termos de educação, por exemplo, é importante enfatizar que uma visão depreciativa dos negros é transmitida nos textos escolares e perpetuada em uma estética racista constantemente transmitida pela mídia de massa. Se adicionarmos o sexismo e a valorização dos privilégios de classe, o quadro fica então completo (Gonzalez, 2021, p. 160).

A escravização no Brasil foi consolidada com um ataque direto à cultura, à identidade e à autonomia do povo negro vindos da África e do povo indígena garantido o apagamento parcial de suas humanidades, diz parcial porque existe a resistência para que o legado do povo negro não desapareça integralmente. Os livros didáticos ainda são organizados pelo sistema dominante e o interesse em continuar com a cultura de exploração se dá na forma de apresentar os conquistadores e os conquistados na história do Brasil.

Entretanto, materiais de mídia independente como a revista EPARREI são alicerces para educadores que podem e devem utilizar esses materiais em suas práticas de leitura na escola, identificados como uma resistência cultural e dispositivo de memória para a ressignificação das identidades que outrora foi silenciada. Como diz Nego Bispo (2023), devemos enfraquecer as denominações do inimigo e potencializar as nossas próprias denominações, potencializar nossa própria produção.

Ainda se faz necessário reivindicar lugares no âmbito do conhecimento, mas os povos negros, indígena, LGBTQIAPN+ entre outros, já são produtores de ampla intelectualidade publicada. O que precisa estar em ação é uma manutenção constante na busca desses materiais e inclui-los em círculos de debates estudantis e acadêmicos para que a pressão social de utilização desses materiais obrigue as instituições a repensarem suas referências bibliográficas. A revista EPARREI é uma evidência de que existe uma lacuna a ser superada, o silenciamento da mulher negra na história da construção civilizatória brasileira é um marcador do machismo, sexismo e racismo.

Referências

- Bandeira, P. (2019, 14 de agosto). *Obra de Monteiro Lobato cai em domínio público e é adaptada ao século 21* [Entrevista concedida a O Estado de S. Paulo]. [YouTube](#)
- Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra da, a terra quer* (S. Pereira, Ilustrador; M. Ferdinand, Autor do texto de orelha). Ubu Editora/PISEAGRAMA.
- Boulos Junior, A. (2022). *História sociedade & cidadania: 7º ano, ensino fundamental, anos finais*. FTD.
- Campello, S. B., & Silva, V. E. (2018). Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. *Biblioteca Escolar em Revista*, 6(1), 64-80. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2018.143430>
- Carneiro, A. S. (2005). *A construção do outro como não ser como fundamento do ser* [Tese de Doutorado, não publicada], Universidade de São Paulo.
- Carneiro, A. S. (2023). *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar.
- Castanheira, C. S. (2024). O silenciamento da cultura negra e indígena nos livros didáticos de História. *Revista Eletrônica Amplamente*, 3(1), 24-38.
- Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Vozes.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos* (F. Rios & M. Lima, Orgs.). Zahar.
- Literafro. (2025, fevereiro). *Alzira dos Santos Rufino*. O portal da literatura afro-brasileira. <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/528-alzira-dos-santos-rufino>
- Revista EPARREI*. (2008). Santos, 13(VII).
- Rufino, A. (2008). Editorial. *Revista EPARREI: Casa de Cultura da Mulher Negra*, 14(VII), 3.
- Rufino, L. (2021). *Vence-demanda: Educação e descolonização*. Mórula.
- Santos, D. L. (2012). Comunicar é politizar: A Revista Eparrei e a participação feminina na luta contra o racismo no Brasil. *Caderno Espaço Feminino*, 25(1).
- Sebastião, A. A. (2007). *Memória, imaginário e poder: Práticas comunicativas e de resignificação das organizações de mulheres negras* [Dissertação de Mestrado, não publicada], Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Woitowicz, K. J. (2008). Uma trajetória de lutas em defesa das mulheres negras. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 5(9).